

Resenha

FISCHER, Rosa Maria. *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

Ítalo de Paula Casemiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro
itcasemiro@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-1181-0378>

O livro "Televisão & Educação: fruir e pensar a TV", em sua 4ª edição, foi concebido por Rosa Maria Bueno Fisher, gaúcha, jornalista, graduada em Letras pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), mestra em Educação pelo Instituto de Estudos Avançados em Educação (IESAE) da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro e Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). O livro conta com um capítulo escrito por Sylvia Magaldi (1937-2013), paulista e licenciada em História pela Universidade de São Paulo (USP). A obra faz parte da Coleção Temas & Educação, e analisa como a TV torna visível para o público uma série de olhares de profissionais como jornalistas, atores, diretores, produtores, entre outros, que geram produtos televisíveis sobre diferentes temas e acontecimentos.

Como a autora destaca, grande parte dos brasileiros fazem consumo de programas televisivos sem compreender o funcionamento ideológico no qual esses programas estão inseridos. Rosa Fischer evidencia as relações entre televisão e educação, e como esses dois temas podem ser abordados em sala de aula. Na "Apresentação", ela relembra a trajetória da construção do livro e enfatiza sua atualidade, pois, embora tenha sido publicado pela primeira vez em 2001, ainda é referência de leitura, visto a centralidade que as mídias ganharam no dia a dia das pessoas.

O livro está dividido em três capítulos: "A TV que vemos e a TV que nos olha", "As imagens e nosso olhar atento: com que linguagens opera a TV?" e "A TV como objeto de estudo na educação: ideias e práticas".

No primeiro capítulo, "A TV que vemos e a TV que nos olha", apropriando-se de uma concepção do filósofo francês Georges Didi-Huberman sobre o que são hoje nossos modos de ver e apreciar imagens artísticas, a autora busca mostrar que as obras de arte, nesse caso, a TV, de certa forma "nos olham", nos convidam a olhá-las. Nesse primeiro momento, a autora destaca dois grandes aspectos no cruzamento entre televisão e

educação: a importância social e política da TV e a linguagem particular da TV pela qual são concebidos os produtos televisivos no Brasil. É possível notar que, nesse capítulo, a autora, utilizando-se de diversos argumentos, expõe a importância da TV no cotidiano (dos brasileiros), visto que "ela opera como uma espécie de processador daquilo que ocorre no tecido social, de tal forma que 'tudo' deve passar por ela, 'tudo' deve ser narrado, mostrado e significado por ela" (FISHER, 2013, p. 19). A autora vincula essa presença da TV a um espaço de aprendizagem, defendendo a ideia de que aprendemos diversos temas por meio dela. Aliás, diversos brasileiros aprendem, cotidianamente, por meio da TV e, nesse ponto, podemos notar a ideia central defendida pela autora: a da TV como ferramenta para a educação.

Cabe ressaltar que a autora não trata apenas da TV, mas também de todos os materiais audiovisuais postados diariamente, tais como canais disponíveis na *Internet* em plataformas como o *Youtube*. Nesse ponto, é interessante notar como Rosa Fisher já visualizava as mudanças que estão ocorrendo no cenário midiático, uma vez que nos últimos anos a TV tem perdido espaço na vida das pessoas devido à concorrência com outros meios como *smartphones*, contudo o próprio conteúdo midiático não perdeu espaço, somente possui mais um espaço para se propagar.

Rosa Fisher chama a atenção para um aspecto importante: o quão pouco os professores sabem a respeito dos modos de aprender das novas gerações. Sinteticamente, indaga sobre como as novas gerações se utilizam e aprendem nos espaços da mídia e como os educadores podem explorar essa relação, visto que os alunos trazem para a sala de aula temas e conhecimentos obtidos por meio de mídias como a TV. Aqui, podemos notar uma grande problemática posta: como uma geração "X" pode ou deve ensinar para uma geração "Y" que emergiu em meio a um mundo rodeado de tecnologias de comunicação? Trata-se de um desafio contemporâneo, mas que, provavelmente, ao longo dos próximos anos será superado e dará lugar a outros desafios.

Ainda no capítulo 1, há uma seção intitulada "Mídia e produção social de sentidos", em que a autora trata da relação entre a produção midiática e a cultura, adotando a concepção de cultura como "o conjunto complexo e diferenciado de significações relativas aos vários setores da vida dos grupos sociais e das sociedades e por eles historicamente produzidas" (FISHER, 2013, p. 28). Nesse conceito, ela insere, entre outros elementos, a TV.

Para acerrar cultura e a mídia, Rosa Fisher apresenta uma série de exemplos televisivos, correlacionando-os a questões que giram em torno das relações de poder, da produção de sentidos, do impacto do *marketing* sobre as pessoas, entre outros, procurando mostrar, ou tentando demonstrar, como a produção audiovisual está atrelada à cultura em diferentes épocas, áreas e meios.

Ainda nessa seção, a autora apresenta duas concepções importantes para se pensar a mídia: a revolução cultural e o endereçamento. O primeiro conceito, do autor Stuart Hall, refere-se à expansão dos meios tecnológicos de produção, circulação e troca cultural que temos visto nos últimos anos. O segundo, da autora Elizabeth Ellsworth, refere-se a uma interpelação do sujeito na relação com as mídias, isto é, uma mobilização desse outro (o sujeito) em direção ao que lhe desejam dizer (a mídia).

Por fim, Fisher (2013, p. 31-32) destaca um grande desafio: "desmanchar" os materiais televisivos por meio de um trabalho pedagógico que tenha finalidade educacional e aborde esse tipo de material de uma forma criativa, "o que inclui o debate a respeito das formas de controle da sociedade civil sobre aquilo que é produzido e veiculado pela televisão". Ao final desse capítulo, a autora exhibe alguns exemplos de programas televisivos e os sentidos da produção cultural por eles disseminados. A temática da publicidade, da sexualidade e da diversidade são exploradas por ela ao abordar a produção de significações por meio da TV e como esta dita o debate social.

Podemos notar que a defesa da autora é em torno do currículo, como um "dispositivo bem mais amplo do que a grade sequencial de disciplinas e conteúdos de um determinado nível de ensino"(FISHER, 2002, p.153), mas indo muito além disso. Ela defende a existência da produção de significações nos diferentes espaços da cultura, e que estão direta e profundamente relacionadas às práticas e aos currículos escolares.

No segundo capítulo, "As imagens e nosso olhar atento: com que linguagens opera a TV?", a autora desenvolve sua escrita por meio de uma série de elementos relativos à produção e à veiculação de materiais televisivos, especialmente sobre as estratégias de elaboração e os recursos utilizados pela TV. De início, discute como as imagens veiculadas na TV precisam ser pensadas dos pontos de vista técnico, comunicacional, social, cultural e educativo, simultaneamente. Essas imagens podem ser definidas de duas formas: uma materialidade visual, que representa algo para o expectador, e um objeto material que representa algo, isto é, que abarca uma ou várias significações que circulam e são construídos nas diferentes culturas.

Rosa Fischer não esquece de tratar as palavras e seus sentidos na TV e, para isso, lembra Roland Barthes e seus estudos sobre a imagem e os sentidos transmitidos por essa. Por fim, a autora novamente trata dos “modos de endereçamento”, conceito elaborado por Elizabeth Ellsworth, mas, dessa vez, deslocando o objeto de análise, para as aulas e currículos: "Afim, de que forma endereçamos nossos currículos e aulas? Quem nós pensamos que são aqueles alunos e alunas, aquelas crianças, aqueles jovens e adultos aprendentes?" (FISHER, 2013, p. 72).

Ao final desse capítulo, a autora apresenta, talvez, sua maior contribuição prática: uma proposta de roteiro para a análise de produtos televisivos. Após discutir e apresentar ao leitor inúmeras questões sobre a mídia e, especialmente, sobre a televisão e suas relações com a cultura e a educação, Rosa Fisher indica aos educadores um caminho para tratar de forma crítica os programas televisivos. O roteiro é composto por perguntas, que são exploradas de forma detalhada ao longo do texto. A primeira pergunta, “Que tipo de programa é esse?”, permite, ao professor, identificar uma série de características do programa, tais como seu “gênero”, área etc. A segunda, que na verdade envolve três perguntas, “Quais os objetivos desse artefato? Quais suas estratégias de veiculação? A quem “se endereça?”, está mais voltada à identificação do público-alvo do programa. A terceira, “Qual a estrutura básica do programa?”, busca entender os recursos utilizados para envolver o espectador. A quarta, “Afim, de que trata esse programa? Quem fala e de que lugar?”, visa identificar uma possível temática e aqueles que falam no programa. A pergunta cinco, “Com que linguagens se faz este produto?”, permite conhecer os recursos utilizados pela linguagem audiovisual que está sendo analisada. E a sexta pergunta, “Que relações fazer entre esse artefato da mídia e outros problemas, teorias ou temáticas de interesse para a educação?”, permite captar outros elementos que possam não ter sido identificados nas questões anteriores.

O terceiro e último capítulo é intitulado “A TV como objeto de estudo na educação: ideias e práticas”, de autoria de Sylvia Magaldi. A partir de suas experiências, como educadora e com o uso de mídias, apresenta novas discussões vinculadas à prática do uso da TV na educação e destaca que “educar para a televisão consistiria em introduzir nas escolas um processo de aprendizagem de leitura e análise de comerciais, programas de TV, filmes e obras videográficas” (MAGALDI, 2013, p. 106), o que exigiria uma abordagem apoiada e orientada. Ao expor suas experiências, a Magaldi descreve práticas laborais em cursos-oficinas e lista uma série de pontos norteadores em atividades voltadas para a

linguagem audiovisual, tais como interrogativas norteadoras, que seriam perguntas que auxiliariam rotas de análise de materiais audiovisual. Em seguida descreve exemplos de objetivos e atividades, finalizando com exemplos de sessões por temáticas, tais como "A Informação Audiovisual e a Questão da Veracidade".

No seu capítulo, Sylvia Magaldi discute temas rotineiramente presentes na TV como os comerciais, os vídeos educativos (aos quais faz uma ressalva: há aqueles didáticos, onde o objetivo é ensinar, mas há aqueles não didáticos que fazem aprender, tais como os documentários) e também como são tratados os vídeos documentários e as narrativas de ficção. Ao final, a autora registra uma questão preocupante: a fragilidade que tem notado na formação dos professores, que fica visível na dificuldade que geralmente se observa no modo de pensar e expressar-se de forma autônoma.

Por fim, são feitas recomendações de leituras e de *sites* que abordam temas diversos que atravessam a temática da obra.

O livro constitui-se numa obra de referência para aqueles que se indagam sobre as diversas relações que permeiam a televisão e sua participação na produção cultural e na educação dos milhões de brasileiros que a assistem todos os dias, apresentando-se como uma importante referência para educadores que pretendem utilizar a TV e vídeos em suas aulas, tanto teórica quanto prática, utilizando-se por exemplo, do roteiro proposto pela autora.

Como limitações do livro, poderíamos destacar sua estrita discussão acerca da relação entre TV e público, uma vez que, atualmente, vemos novos recursos midiáticos ganhando o espaço que antes era ocupado quase que exclusivamente pela TV, como as séries e os canais do *Youtube*. Mas, vale lembrar que a proposta do livro é estritamente a discussão da relação entre TV e público e, além disso, na época de sua primeira edição, a TV ainda possuía uma centralidade que hoje já não possui. A primeira edição foi publicada em 2001, quando ainda não existia o *Youtube*, cuja criação ocorreu no ano de 2005. Além disso, no ano da edição aqui resenhada, 2013, outros meios de comunicação para além do âmbito da TV começaram a ganhar projeção.

O livro possui inúmeros méritos pela forma profunda e abrangente que Rosa Fisher aborda a relação TV-educação. Cabe aqui lembrar que, conforme revisão da literatura feita por Labrunie e Ferreira (2018), já existem diversos estudos demonstrando os ganhos do trabalho com vídeo na escola. Assim, destacamos a relevância dessa obra para a compreensão de aspectos que permeiam o uso de vídeos na escola, a

representatividade que a TV ainda tem no processo de ensino e por apresentar uma grande contribuição ao abrir um espaço para a discussão do uso da TV na educação.

Referências

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Educação e pesquisa**. São Paulo. v. 28, n. 1, p. 151-162, jan/jun. 2002. <http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27882>. Acesso em: 14 out 2018.

_____. **Televisão & Educação – fruir e pensar a TV**. 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MAGALDI, Sylvia. A TV como objeto de estudo na educação: Ideias e Práticas. In: FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão & Educação – fruir e pensar a TV**. 4 Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013, p. 101-128.

LABRUNIE, Maria das Graças Lino; FERREIRA, Giselle Martins dos Santos. O vídeo na escola: uma revisão de literatura. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 15, n. 38, p. 416-436, jan/mar, 2018. Disponível em: periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/download/4104/2294. Acesso em: 14 out 2018.

Submetido em 02/11/2018

Aprovado em 21/05/2020

Licença *Creative Commons* – Atribuição NãoComercial 4.0 Internacional (CC BY-NC 4.0)

<https://orcid.org/0000-0003-1181-0378>